

ENSINO TÉCNICO DE DESIGN GRÁFICO: aspectos gerais

TECHNICAL EDUCATION IN GRAPHIC DESIGN: general issues

DINELLI, Maria Beatriz Saraiva; Mestre; FAU USP

beatrizdinelli@usp.br

NASCIMENTO, Luís Cláudio Portugal do; Professor Doutor; FAU USP

claudioportugal@usp.br

Resumo

Com base em um estudo de reconhecimento sobre o ensino de design gráfico, ou comunicação visual, em escolas técnicas da cidade de São Paulo, entre 2018 e 2019, este artigo trata de aspectos gerais desse ensino técnico-profissionalizante para jovens no cenário profissional e acadêmico. A coleta de dados envolveu entrevistas semiestruturadas em profundidade com coordenadores, professores, alunos e ex-alunos, complementadas por observações diretas de aulas, além de análises gráficas e semióticas da linguagem visual de trabalhos de alunos. Resultados indicaram lacunas metodológicas e conceituais, relativamente acentuadas, em propostas de projeto, bem como recorrência de processos de projeto menos planejados, com foco, por exemplo, na dimensão empírica dos materiais, com caráter, nesse sentido, indutivo. Apesar de insuficientemente aprofundado em termos da pedagogia específica do design, esse ensino técnico apresenta potencial de ampliar horizontes culturais, vocacionais e profissionais dos discentes, estimulando, em alguns casos, a continuidade de suas formações em âmbito universitário.

Palavras-chave: pedagogia de design para jovens; ensino não universitário de design; ensino técnico de design gráfico.

Abstract

Based on a recognition study on the teaching of graphic design, or visual communication, in technical schools in the city of São Paulo, between 2018 and 2019, this article addresses general issues of this technical-professional education for young people in the professional and academic context. Data collection involved in-depth semi-structured interviews with coordinators, teachers, students, and alumni, complemented by direct classroom observations, as well as graphic and semiotic analyses of students' visual language work. Results indicated relatively accentuated methodological and conceptual gaps in project proposals, as well as a recurrence of less planned project processes, focusing, for instance, on the empirical dimension of materials, with an inductive character. Although insufficiently deepened in terms of specific design pedagogy, this technical education has the potential to broaden the cultural, vocational, and professional horizons of students, encouraging, in some cases, the continuation of their education at the university level.

Keywords: design pedagogy for youth people; non-university design education; technical education in graphic design.

1. Introdução

No Brasil, a atividade de design gráfico, como uma das subáreas de conhecimento do design, é ensinada tanto a nível universitário quanto no chamado “ensino técnico”. De teor vocacional, essa modalidade de ensino enquadra-se no nível médio dos sistemas educativos, referindo-se à educação realizada em instituições que conferem diplomas profissionais ou, ainda, integrada ao ensino médio. Caracteriza-se por ser uma formação não tão aprofundada teoricamente como o nível superior, possuindo um sentido mais pragmático, orientada para rápida integração do aluno no mercado de trabalho.

O uso do termo “ensino técnico” popularizou-se na Europa durante a década de 1870, enquanto, no Brasil, ainda era pouco empregado antes de 1880. Outrora era conhecido por “ensino industrial” ou “ensino científico”. Por sua vez, a parte artística do ensino técnico era denominada “desenho técnico” ou “desenho industrial”, abrangendo diferentes tipos de desenho aplicado a fins práticos, em que se incluíam: desenho geométrico, desenho mecânico, desenho de perspectiva, desenho de padrões e de ornamentos. Correspondia ao aprendizado prático de artes aplicadas, mecânicas ou decorativas em oficinas ou ateliês (Cardoso, 2004).

Em fins do século XIX, no Brasil, Rui Barbosa defendia a educação pela arte como formadora da população. Segundo ele, “O fim da educação contemporânea pela arte não é promover individualidades extraordinárias, mas educar esteticamente a massa geral das populações, formando, a um tempo, o consumidor e o produtor, determinando simultaneamente a oferta e a procura nas indústrias do gosto” (Barbosa, 1882, p. 8). Por essa perspectiva, ao aliar-se ao ensino de qualquer das modalidades de desenho, de modo abrangente para todas as idades e camadas sociais, a modalidade técnica contribuiria para a passagem de um país agrário a um país industrial.

Apesar de os cursos técnicos, ao longo da história, serem vistos como formação menor em virtude da estrutura do ensino brasileiro – de um lado, a formação propedêutica responsável pela formação geral e, de outro, a formação técnica profissional, correspondendo à formação específica (Ferretti, 2006), a ênfase na prática configura-se como diferencial do ensino técnico, que, por meio da utilização de laboratórios de ensino, possibilita aos alunos maior interação com a teoria (Scacchetti, 2013).

Este estudo, que incorpora elementos das Referências Curriculares Nacionais da Educação Profissional de Nível Técnico – Área Profissional: Design (MEC, 2000), parte do princípio de que a modalidade técnica de ensino de design possui especificidades próprias, que as distingue do ensino em âmbito universitário. Desse modo, apresenta-se, aqui, parte dos resultados de uma pesquisa mais abrangente de mestrado, de caráter qualitativo, na modalidade de estudo de reconhecimento, com acentuado caráter fenomenológico e descritivo-observacional, sobre o cenário, em 2018 e 2019, do ensino técnico-profissionalizante de design gráfico na cidade de São Paulo.

Para tanto, os trabalhos de campo da pesquisa desenvolveram-se por meio de entrevistas semiestruturadas em profundidade com coordenadores, professores, alunos e ex-alunos, sobretudo, em duas das dez escolas técnicas de design gráfico em atividade, uma da rede Etec-SP e em um curso do Senac-SP. Em virtude da relativamente restrita bibliografia disponível sobre o tema abordado, priorizou-se o levantamento de dados primários. Empregou-se, complementarmente, a técnica de observação direta de aulas, bem como análises gráficas e semióticas da linguagem visual de trabalhos de alunos. Assim, este artigo, em que se oferece uma reflexão mais macroscópica e conceitual, restringe-se a questões gerais e estruturantes associadas ao ensino técnico de design gráfico em termos de sua relação com o campo do design, a academia e a sociedade como um todo.

2. Aspectos Identificados

Os resultados desta pesquisa selecionados para este artigo concernem, mais diretamente, à relação entre o ensino técnico e o ensino superior, bem como à formação profissional dos alunos. Esses resultados tratam, aqui, de cinco aspectos principais: a) objetivos e ideários do ensino técnico de design gráfico; b) papel percebido do ensino técnico na atividade profissional do design; c) relação entre ensino técnico e ensino superior de design gráfico e de áreas afins; d) eventuais influências do ensino técnico de design gráfico na escolha posterior de cursos universitários; e) antevistas de propostas pedagógicas verbalizadas como ideais.

2.1 Objetivos e Ideários do Ensino Técnico de Design Gráfico

Em relação à viabilidade prática de se ensinar design para jovens, uma professora da rede de ensino Etec-SP informou que a meta do curso seria, “[...] conseguir que ele [aluno] entenda a área, que tenha todo o repertório que precisa, porque é uma área muito ampla, [...] mas ele vai ter várias disciplinas depois, [...] que vão habilitar pra diversas áreas”. É notável que se pretenda que o aluno adquira conhecimento geral do campo. Isso indica que um dos propósitos seria formação de repertório que possibilite ao aluno executar, entre outros, projetos gráficos. A esse respeito, mencionou a proposta de um dos projetos. Para ela, “A gente trabalha bastante aqui com o projeto interdisciplinar ‘Revista’. Ela é digital e impressa. Porque tudo o que ele viu lá em composição no 1º módulo, toda a teoria que ele viu, ele aplica na hora de diagramar uma página”. Observe-se que a abordagem utilizada em projetos consistiria na combinação de elementos de mais de uma disciplina. Esse aspecto sugere que, ao integrar diversas esferas do conhecimento e permitir a troca de experiências, um outro objetivo do curso seria o de preparar os alunos a trabalharem em equipe.

Por sua vez, uma professora da rede de ensino Senac-SP, com respeito aos propósitos do curso técnico de design gráfico, contou que ele seria bastante abrangente. De acordo com ela, “O foco do curso é [o de] formar profissionais pra área, incluso a parte de atitude, valores, o comportamento no mercado de trabalho. [...] Alguns querem mudar de área, gostou de design, aí, eles vêm fazer o curso [...]”. Cabe ressaltar, no trecho em análise, a importância atribuída a questões relativas a valores e comportamentos. Essa conjuntura sugere que o curso não apenas ensina habilidades técnicas, mas também se preocupa com a formação ética e comportamental dos alunos, que são cruciais para o sucesso no ambiente profissional.

De modo análogo, outra professora da rede Senac-SP declarou que o curso visa a conferir autonomia criativa e profissional mais ampla a seus formandos. Para ela, “O curso objetiva formar profissionais. Essa iniciação geral vai do estado de espírito de quem ‘tá na aula. Nós ensinamos pra que o cara seja contratado em algum lugar e assuma [...] que é um designer”. Acrescentou perceber diferenças entre os alunos que procuram as aulas. Segundo ela, “Tem esses que vem pra saber como é que é, ter uma noção geral ou que ‘tá, por exemplo, fazendo uma graduação em marketing e gostaria de saber um pouco mais sobre criação pra poder defender suas ideias ou amparar a turma de criativos”. Chama atenção que parte dos alunos procuraria o curso técnico de design gráfico já cursando uma graduação em outro domínio. Esse trecho parece indicar que nem todos os alunos que frequentam o curso intencionam ingressar no mercado de trabalho especificamente de design.

Os dados analisados, segundo visão de professores, indicam que o objetivo maior do ensino técnico de design gráfico, tanto da rede de ensino Etec-SP quanto da rede Senac-SP, seria o de capacitar os alunos para rápido ingresso no mercado de trabalho. Já os objetivos dos alunos variariam, principalmente, entre três fatores: desejo de mudar de área; descobrir possível afinidade com o design gráfico; ou ampliar o conhecimento em campos afins à de suas formações originais.

2.2 Papel Percebido do Ensino Técnico na Atividade Profissional do Design

Com respeito à atribuição percebida do ensino técnico no ofício profissional do design, um professor da rede Etec-SP participou que seria a base para o aluno obter noções mais elementares, com ênfase na prática. Para ele, “A prática vai ser a mola propulsora pra ele estar entrando no mercado de trabalho, [...] mesmo ele tendo uma teoria rasa, quando ele vai pro curso superior, ele acaba tendo contato com a teoria complexa, então, isso melhora o que ele aprendeu na prática”. É notável, com base no fragmento citado, a reduzida ênfase conferida a fundamentos do design. Esse cenário pressupõe que o curso técnico, apesar de não se aprofundar em questões teóricas, proporcionaria habilidades práticas ao aluno, possibilitando-lhe acesso ao mercado de trabalho. Pressupõe, ainda, que ao ingressar no ensino superior já tendo vivenciado a prática, ele potencialmente compreenderia a teoria mais facilmente.

Por outra perspectiva, um também professor da rede Etec-SP, ao comentar a respeito da importância do ensino técnico de design gráfico, participou que o curso cobriria várias frentes na formação em design. De acordo com ele, “Que estejam bem amparados pelas tendências atuais, acompanhando o que tem de mais recente, estar aplicando design de maneira original, atendendo aos clientes, ao mercado, às editoras, às agências da melhor maneira possível”. É instrutivo notar o destaque atribuído a questões contemporâneas. Essa situação reforça a ideia de que o propósito do ensino técnico de design gráfico seria o de qualificar novos profissionais para o mercado de trabalho, reforçando a importância de os alunos estarem constantemente se atualizando.

De modo diverso, um aluno da Etec-SP mencionou se sentir meio perdido em relação ao mercado de trabalho. Segundo ele, “Pra um curso técnico, ele deveria ‘tê’ mais força no mercado, porque a gente sai daqui sem saber o que vai ser depois que se formar. Acho que a visão do mercado, pra quem faz o [curso] técnico, ela ‘tá meio preconceituosa”. Nota-se, no segmento em análise, preocupação com a possibilidade de não arrumar um ofício no mesmo ramo. Tal declaração sugere percepção de que o mercado de trabalho não valorizaria a formação em cursos técnicos, não parecendo claro se seria em razão do diploma concedido ou em função da natureza do ensino.

Quanto à estruturação do programa do curso técnico de design gráfico em que atuava, uma professora da rede Senac-SP informou que ele seria dividido em quatro habilitações técnicas: “[...] alguns se identificam mais com embalagens, outro mais com editoração, outros com diagramação, cada um pode [se] especializar em uma área diferente. Mas têm alunos que conseguem a vaga de trabalho fazendo o ‘técnico’, conseguem entrar na área”. Analogamente, outra professora também relatou que o curso havia se desmembrado. Para ela, “[...] o curso foi segmentado por falta de tempo das pessoas. Para as pessoas tentarem conseguir um emprego com um curso de qualificação”. Ambas declarações, muito semelhantes entre si, sugerem que a estruturação do currículo e a possibilidade de cursar uma qualificação técnica específica, mais especialmente relacionada aos interesses de cada aluno, favoreceriam sua inserção no mercado de trabalho.

Por outro ponto de vista, uma também professora do Senac-SP valorizaria a dimensão social do ensino técnico de design gráfico na atividade profissional do design. De acordo com ela, “Você começa a objetivar as formas de uma maneira mais assertiva. Você melhora a sua casa, é comunicação, é mensagem. Então, melhora a forma de você se expressar pro mundo. Atende à necessidade do outro, porque você é coautor”. É informativo, no segmento citado, a amplitude da atuação profissional do designer. Essa conjectura sugere compreensão da abrangência do ofício do design, visto como atividade transformadora, capaz de intervenções positivas na realidade, sobretudo quando o designer se volta para projetar soluções para o outro.

Os dados apurados indicam que o foco do ensino técnico de design gráfico das duas redes de ensino seria o de preparar seus alunos para rápida inserção no mercado de trabalho, seja promovendo flexibilização de percursos formativos, na rede Senac-SP, seja mantendo os alunos atualizados com orientações do mercado, no caso das Etecs-SP.

2.3 Relação entre Ensino Técnico e Ensino Superior de Design Gráfico e de Áreas Afins

Comparando o ensino técnico e ensino superior de design gráfico, uma professora da rede Etec-SP afirmou que: “[...] a faculdade é muita teoria”. Para ela, “Você aprende, em detalhe, todos os teóricos, toda a evolução e, no ‘técnico’, você adapta a área. Você procura trazer elementos lá da comunicação pra área de design gráfico, você, de uma certa maneira, tenta trazer pro lado prático”. Enfatizou, ainda, que o foco na modalidade técnica seria a execução de projetos e que os alunos já ingressariam com espírito de produção. É informativa a percepção de que aulas teóricas se destinariam, sobretudo, a alunos do ensino superior. Essa situação parece indicar que parte significativa de alunos de cursos técnicos de design gráfico assimilariam mais facilmente conceitos durante o processo de desenvolvimento de projetos.

De modo semelhante, um professor da rede Senac-SP, ao comparar o ensino técnico ao superior de design, referiu-se a diferentes vocações e níveis de abstração entre as várias formas de ensino. De acordo com ele, “A graduação é mais focada em teoria. No técnico é muito mais prático. A gente esmiúça a teoria conforme for aplicando na prática. A teoria é a base, a gente indica bibliografia”. Segundo esse respondente, haveria ênfase em aspectos práticos no ensino técnico em relação a aspectos teóricos. Tal conjuntura parece indicar que, no ensino técnico, a prática seria considerada mais apropriada a esse estágio preparatório. A par dessa abordagem mais direta e pragmática, os alunos seriam incentivados, por si próprios, a ampliarem seus conhecimentos teóricos. No fragmento examinado, em relação à graduação, não parece haver ficado muito clara a especificidade mais concreta dessa dimensão prática do ensino proporcionado.

Analogamente, outro professor da rede Etec-SP declarou que no curso técnico a aula é prática e no curso superior é teórica e que o conteúdo prático do ensino superior seria o mesmo que do ensino técnico. Comentou, também, que o ensino superior deveria estar relacionado a outras questões, como iniciação científica, licenciatura e pesquisa, já que, segundo ele, “O técnico é quem bota a mão na massa” e lamentou o fato de o país não valorizar isso, evidenciando a disputa de mercado em que o ensino superior assumiria a prática profissional que seria do ensino técnico. Ainda, de acordo com ele, o currículo do ensino técnico possibilitaria ao aluno disputar campos do ensino superior por competência e então, caso se valorizasse competência e não título, muita gente do ensino técnico seria absorvida pelo mercado.

Já uma ex-aluna da Etec-SP apontou semelhanças entre as naturezas dos dois níveis de ensino. Segundo ela, “No ‘técnico’ era uma coisa rápida. Era mais: execute, execute! [Na faculdade] é totalmente diferente. Pensa-se muito mais antes de sair fazendo. Tem a pesquisa antes, tem um preparatório. Projeto de design teórico, um pouco de história”. De maneira similar, outra ex-aluna mencionou maior atenção dispensada ao processo de desenvolvimento de projetos de design em sua faculdade. Para ela, “[...] focam bastante em metodologia de projeto, que é uma coisa que eu não tive no ‘técnico’. Por semestre, cada professor fala do projeto em si, a metodologia que a gente vai seguir”. Ambas declarações parecem indicar que a valorização do aparato metodológico característico do campo do design – por exemplo, a disposição preliminar disciplinada aos alunos das diferentes fases de projeto, assim como a forma como elas se articulam sequencialmente –, apenas ocorreria no domínio do ensino superior, não alcançando o estágio dos cursos técnicos.

Com respeito a questões de conteúdo, um outro professor da rede Etec-SP relatou que, no período em que atuou no ensino superior, as aulas que preparava para a faculdade eram as mesmas que ministrava no curso técnico. Segundo ele, “Os alunos que não trabalhavam iam muito mais sem saber o que fazer da vida no [ensino] superior. Eu não sei se a gente dá a base e, aí, ele vai pra faculdade com essa base e consegue interagir com o conteúdo de lá”. Observe-se que parte dos alunos ingressaria na faculdade com pouco conhecimento do campo do design. Esse cenário pressupõe que cursos de nível técnico de design gráfico possibilitariam aos alunos adquirirem noção mais completa acerca de conteúdos e habilidades intrínsecas à esfera de conhecimento, minimizando eventuais desapontamentos na formação universitária e profissional.

Outra professora do Senac-SP também enfatizou a percebida similaridade de conteúdos do ensino técnico e superior, bem como desigualdade de tempo para a realização de atividades. Para ela, “Eu acredito que ele [curso técnico] não fica atrás de maneira nenhuma de uma graduação superior porque, querendo ou não, esses elementos curriculares são os mesmos. A gente só não tem o tempo de práxis pra exercícios, por conta da carga horária”. E acrescentou: “A identidade criativa é um tempo que dá pra se realizar. Mas é bem menos tempo que uma graduação. Então, olha a responsabilidade que a gente tem que ter enquanto docente de, em menos tempo, manter uma qualidade de convivência no grupo”. Chama atenção a diferença de carga horária entre os dois níveis de ensino. Isso sugere visão de que o fator tempo, percebido como mais restrito, influenciaria outras esferas, inclusive a da interação social entre os participantes dos processos pedagógicos.

Ao realizar um paralelo entre o curso técnico de design gráfico e a graduação em arquitetura, outro ex-aluno da Etec-SP apontou semelhanças de abordagens entre o ensino técnico e sua experiência na universidade. Para ele, “No geral, a gente tem muita experimentação na graduação, caráter experimental de várias disciplinas, de vários exercícios, é uma marca que eu sinto aqui [faculdade]. E no ‘técnico’ eu sentia a mesma coisa [...]. Experimental no sentido de tentativa e erro”. Percebe-se, uma vez mais, alusão à ênfase em atividades práticas. Esse aspecto parece indicar que, em ambos cursos, possivelmente pela centralidade em projeto, experimentações seriam incentivadas. Quanto à pesquisa, informou perceber diferenças. Segundo ele, “Os instrumentos que a gente usava de pesquisa no ‘técnico’ era, na época, internet. Hoje, eu faço busca no Arquivo Histórico Municipal, fonte primária, [...] circulo em várias bibliotecas, coisas que, no ‘técnico’, era inconcebível”. É informativa a utilização de basicamente um instrumento de pesquisa. Isso pressupõe que na modalidade técnica, talvez em função do encurtamento do tempo e de dificuldades de deslocamento, a internet seria o meio mais apropriado. Presume-se, ainda, que o nível de exigência e de complexidade dos trabalhos propostos na graduação demandariam investigações mais aprofundadas e, conseqüentemente, outros materiais e meios de pesquisa.

Quanto à identificada contribuição das duas modalidades de ensino para sua formação, outra ex-aluna do Senac-SP revelou que cada estágio teria seu valor. Segundo ela, “O técnico foi um bom pano de fundo, me apresentar coisas, ter uma boa noção de mercado, como as coisas funcionam, até onde você pode ir. E, na faculdade, foi mais uma constatação de tudo que me foi apresentado”. Note-se menção a fundamentos do design em seu curso técnico. Esse cenário reitera a percepção daquela natureza introdutória da modalidade técnica. Quanto à graduação, especificamente em design gráfico, fez referência a seu caráter mais especializado. De acordo com ela, “A faculdade vem pra aprofundar. Pra explicar uma série de coisas e te gerar uma outra linha de raciocínio, que é muito pra vida. [...] design gráfico é um curso pra vida, [...] te ensina muitas coisas: do material ao projetual, ao produto final”. Seu relato parece indicar que a graduação em design gráfico, além de promover o desenvolvimento de competências e habilidades específicas

para atuação no campo, apresentaria potencial para preparar cada indivíduo para outras atividades que não apenas a do design.

Por sua vez, outra professora da rede Senac-SP destacou, como problemática, a situação do ensino de design em algumas faculdades. Para ela: “[...] as instituições pra se manterem vivas, principalmente as privadas, comerciais, elas aceitam tudo. [...] Tem faculdade que cobra pouquíssimo por mês. É só pro cara ‘tá’ ali. Como você vai incentivar o professor? E o salário?”. Tais questões sugerem precarização do trabalho, com impacto na qualidade do ensino, sobretudo em determinadas instituições particulares e, por isso, a mesma professora ressaltou que: “[...] o ensino da graduação, pra mim, em relação ao ‘técnico’ que eu leciono e ao Senac, ‘tá pior. É pior em quatro [anos] do que em um ano e meio [em cursos técnicos]. [...] Mas eu acho que, no ensino público, não dá pra comparar. Obviamente é muito melhor”. Essa fala sugere percebida diferença do ensino de design em termos qualitativos em certos cursos superiores. Sugere, ainda, que cursos técnicos de design, apesar da reduzida carga horária geral, seriam melhores do que algumas faculdades particulares, mas, talvez, não tão bons quanto a cursos superiores de instituições públicas.

Esses resultados sugerem que os conceitos apresentados aos alunos denotariam caráter introdutório; parcela considerável de alunos assimilaria mais facilmente conceitos durante o processo de desenvolvimento de projetos; a internet seria o meio de pesquisa mais utilizado por alunos; existe possível lacuna com respeito à metodologia de projeto em cursos técnicos; alunos egressos de cursos técnicos de design gráfico estariam, de modo geral, mais bem preparados, tanto no âmbito de conhecimento quanto de maturidade, para acompanhar cursos superiores de design e de áreas próximas; e, por fim, seria percebida melhor qualidade do ensino de algumas escolas técnicas em relação a determinadas faculdades particulares.

2.4 Eventuais Influências do Ensino Técnico de Design Gráfico na Escolha Posterior de Cursos Universitários

Em relação a possível influência do ensino técnico na escolha de seu curso universitário, uma ex-aluna da Etec-SP informou que, a princípio, iniciou o curso técnico em design de interiores, e, percebendo proximidade desse curso com o domínio da arquitetura, decidiu mudar para o técnico de design gráfico. De acordo com ela, “[...] também não sabia o que era [...], mas depois, me apaixonei pela área. Aí, eu fui aprofundando. Então, de certa forma, eu acho que o ‘técnico’ teve um peso muito importante pra eu escolher fazer a faculdade”. Observe-se que, antes de iniciar o curso técnico de design gráfico, essa então pretendente a aluna não possuía qualquer conhecimento sobre o campo. Tal situação parece indicar que os conteúdos e abordagens de seu curso técnico foram considerados significativos a ponto de levá-la à graduação em design gráfico.

Similarmente, uma ex-aluna do Senac-SP mencionou não possuir anterior noção a respeito do design gráfico. Segundo ela: “[...] o técnico abriu as portas tanto pro curso de design, quanto pra uma coisa que eu não sabia como era, que era o trabalho em equipe pra um projeto de verdade. Fazer amizade com uma pessoa que quer a mesma coisa – um projeto bem feito”. Percebe-se, aqui, o valor atribuído pela respondente a trabalhos em grupo, que passou a encontrar no ensino universitário. Essa observação pressupõe entendimento do mérito do trabalho colaborativo, sobretudo em área interdisciplinar como a do design. A mesma ex-aluna declarou, ainda, que o curso técnico teria contribuído para diversificação de seus conhecimentos. Para ela, “Ter contato com a arte, com a cultura também, eu tive maior no curso técnico. [...] Eu tive certeza do que eu ia fazer depois. Antes, eu nem sabia se eu ia fazer faculdade. O curso técnico que me direcionou até pra isso”. Esse trecho em análise sugere que conteúdos de cursos técnicos de design gráfico teriam

potencial de impulsionar panoramas culturais. Pressupõe, também, que poderiam servir de instrumental para continuidade de estudos universitários.

Por seu turno, outro ex-aluno da Etec-SP, mesmo pretendendo seguir o campo da arquitetura desde os 12 anos, cursou o técnico em design gráfico. De acordo com ele, “Eu gostava do que eu fazia de design gráfico, muito da parte mais voltada pra editorial, pra produção de revista. A parte de layout e diagramação, eu gostava bastante. Então, eu faria aquilo. A parte de *branding*, eu não achava incrível”. Essa fala aponta para certa diversidade de conteúdos e abordagens oferecidos, bem como preferência por criação de identidade e organização de informações em design editorial. Quanto à possibilidade de continuar esse estudo na graduação, informou ter se decidido ainda durante o curso técnico. Segundo ele, “Na metade, eu já sabia que não queria seguir naquela área. [...] Mesmo eu querendo fazer muito design naquele momento, eu nunca deixei de querer fazer arquitetura”. Esse comentário indica que, apesar da maior identificação com o universo do design gráfico, a afinidade anterior com arquitetura haveria prevalecido, o que contribuiu para a definição da área escolhida para graduação.

Outra ex-aluna do Senac-SP participou que intencionava estudar design de moda, mas optou pelo design gráfico em função da bolsa de estudo adquirida. Relatou, também, a posterior influência para seguir os estudos na graduação. De acordo com ela, “Eu comecei a ter certeza quando eu estava no [curso] técnico. [...] Até de identificação, eu acho que hoje, eu posso dizer que eu estou mais pro design gráfico ou design em geral do que só design de moda”. É informativo que a então aspirante a aluna quisesse cursar design de moda. Esse fato parece indicar que os conteúdos trabalhados no curso técnico de design gráfico teriam sido percebidos como reveladores a ponto de influenciar a decisão de seguir os estudos universitários no mesmo campo.

Já quanto à decisão de cursar graduação em design gráfico, outra ex-aluna da rede Senac-SP ingressou no curso técnico pensando em algo para o futuro. Segundo ela, “Eu entrei com a mentalidade de achar uma coisa que eu ia fazer pra minha vida. Eu olhava como uma coisa muito séria. [...] Eu gostei, porque eu comecei a gostar de design. Aí, eu queria aprender mais. Então, eu tinha que ir pra graduação”. Seu depoimento sugere que cursos técnicos potencialmente ajudariam alunos a descobrirem afinidades com determinada esfera de conhecimento. Quanto ao percebido mérito do ensino técnico, a mesma ex-aluna afirmou: “Se eu pudesse falar pra todas as pessoas que tão assim... ‘Mesmo que você já saiba que é aquilo que você quer ou, se você não sabe, faça o ensino técnico antes de entrar na faculdade’. Me ajudou muito quando eu entrei na graduação”. Essa fala sugere que ingressar em um curso técnico precedentemente ao curso superior diminuiria a eventualidade de uma escolha equivocada.

Analogamente, outra ex-aluna da Etec-SP afirmou a influência do ensino técnico na definição de seu curso na graduação. De acordo com ela, “Confirmou a minha escolha do ‘técnico’. Porque eu gostei, de um modo geral, bastante do ‘técnico’. Só que eu não tinha essa noção do que era o design ainda. Isso, eu só fui ver na faculdade mesmo”. É esclarecedor o pouco conhecimento sobre o design durante o curso técnico. Esse trecho da entrevista pressupõe que, apesar de esse curso haver contribuído para continuidade de seus estudos no âmbito superior, as características e atribuições do design parecem não ter sido devidamente tratadas no ensino técnico de design gráfico.

De modo semelhante, outra ex-aluna da Etec-SP, quanto a influência do ensino técnico em sua subsequente escolha acadêmica, contou ter sido absoluta. Segundo ela, “Foi a constatação de que eu queria muito fazer isso. [...] Quando eu entrei lá [curso técnico], eu encontrei um monte de gente que olhava pra papel e falava: ‘nossa, que papel bonito’. As minhas loucuras passaram a fazer

sentido”. Esse relato parece indicar que mesmo antes de ingressar no ensino técnico de design gráfico, ela já apresentaria certa sensibilidade para a atuação no campo, como o mencionado apreço por certos tipos de papel. Sugere, ainda, que haveria identificação com parte dos colegas, que compartilhariam gostos semelhantes, acentuando sua afinidade com a esfera do design.

Com base em depoimentos de egressos de cursos técnicos de design gráfico, a totalidade de respondentes de escolas da rede Etec-SP beneficiou-se do aprendizado de determinados conteúdos e abordagens inerentes à área, auxiliando-os em suas escolhas posteriores de cursos universitários. Quanto aos egressos de escolas da rede Senac-SP, o curso teria possibilitado o conhecimento a respeito do campo, sobretudo em termos práticos; perceber o valor de se trabalhar em equipe; escolher com mais propriedade a futura esfera profissional, além de ampliar horizontes culturais.

2.5 Antevsões de Propostas Pedagógicas Verbalizadas como Ideais

Quanto a um especulado modelo de curso ideal, uma docente enfatizou a necessidade de colaboração de pessoas ativamente relacionadas ao ensino. De acordo com ela, “[...] chamaria professor, quem já foi professor, aluno, ex-aluno, quem sabe o que ‘tá falando pra elaborar. E não pedagogos, psicólogos e quem monta material fora [...]. Colocaria muita coisa de processos manuais com os tecnológicos”. É esclarecedor que um perfil específico de pessoas seria mais adequado para assessorar. Esse trecho do seu depoimento pressupõe crença de que alguns especialistas mais teóricos, normalmente responsáveis por elaborar propostas pedagógicas, não seriam os mais indicados para a tarefa de planejar cursos técnicos de design gráfico – supostamente mais aperfeiçoados –, por não vivenciarem diretamente o ensino no domínio do design. Além disso, percebe-se valorização de abordagens mais sensoriais, empíricas, do tipo “mão na massa”.

Ainda, segundo a mesma docente, haveria mérito em promover flexibilização do percurso formativo do aluno. Para ela, “[...] se eu tivesse essa possibilidade, [...] eu também incluiria fazer as competências de acordo com o que o aluno quer fazer, com o tempo que quer fazer. Cada um construiria sua própria formação”. É instrutivo notar que caberia aos alunos escolher o que estudar. Isso sugere preferência por propostas pedagógicas mais flexíveis, que promovam maior autonomia dos alunos. Para ela, quanto aos objetivos mais amplos do ensino, “[...] tem que continuar com coisas reais, envolvimento com a sociedade. Mas eu bateria muito em devolver essa parte de educação pra sociedade de alguma forma. Todo o projeto tem que ter uma proposta de como você vai ensinar alguém também”. Essa visão parece alinhada com o entendimento da importância de multiplicar-se conhecimento por meio de projetos que incluam o universo pedagógico.

Outra professora também informou sua preferência pela dimensão mais empírica dos materiais no ensino de design. De acordo com ela, “Eu ia fazer uma Bauhaus e uma Escola de Ulm de novo. Seria algo a partir dos materiais. O trabalho inicial vocacional pras linhas criativas [...]. Você começa a se deleitar por algo que seja mais próximo da sua identidade. Depois, vêm os desafios”. Observe-se, no segmento em análise, referência feita aos materiais. Tal aspecto sugere intenção de promover, de início, uma sensibilização a partir de abordagens mais empíricas e sensoriais com sentido, sobretudo, indutivo (mais em linha com a Bauhaus, em realidade, do que, propriamente, com a HfG Ulm).

A mesma docente ainda destacou a importância de exercitar nos alunos repertório criativo em âmbito essencialmente analógico, de ter-se o instrumento em contato manual direto com o suporte. Para ela, “A parte digital teria que abandonar, um pouco, e ir pro papel, pro chão, pro grafite, pra parede. Começar pensando no primitivismo, processo clássico, ordem. Depois, nesse momento das trevas, tudo trazendo pra soluções que vão atender às mídias de hoje”. É notável o

uso de variados materiais e suportes. Essa situação sugere propósito de proporcionar aos alunos várias vivências criativas, com base em movimentos artísticos e técnicas diversas, trazendo-os, ao mesmo tempo, para o universo das criações contemporâneas. Além disso, pressupõe preferência por métodos e processos de projeto que evidenciarão a forma de representação, seja manual, impressa ou digital.

Ainda, em relação ao processo propedêutico de formação de repertório e referências, acrescentou: “[...] vai pro funcional, dentro de casa, simples. Já é século XX [...]. Depois que você pegou esse repertório todo de criação, mais fluídico, mais livre, que vai se identificando, começam os projetos pessoais. Depois vem o mercado. Começa o desafio de fora”. Essa visão parece valorizar abordagens de contextualização prévia, até com caráter histórico, com o propósito de induzir o processo criativo mais específico da alçada do design, visando, de início, formação de repertório para, somente depois, expô-los a demandas atuais do mercado. Essa abordagem pedagógica parece refletir, em certa medida, a característica dos cursos técnicos de design gráfico que dão ênfase nesse aspecto de constituição prévia de repertório para subsidiar atividades de projeto.

Os dados examinados acima sugerem preferência por propostas pedagógicas menos rígidas, que possibilitariam maior autonomia dos alunos, com foco na dimensão mais empírica dos materiais com sentido, sobretudo, indutivo. Pressupõem, ainda, atenção em multiplicar-se conhecimento por meio de projetos que incluiriam a dimensão pedagógica, além de formação de repertório criativo.

3. Conclusão

Em síntese, como relatado por alguns professores, em consonância com os objetivos dos cursos técnicos de design gráfico em São Paulo, uma das propostas desses cursos técnicos seria o de proporcionar vivências similares às que os alunos deverão encontrar no mercado de trabalho, capacitando-os a funcionarem em equipe com pessoas de diferentes especialidades. Já os objetivos dos alunos variariam tanto em termos do desejo de muitos de mudar de campo, abraçando o novo campo do design, quanto de verificar possível afinidade que pudessem, então, desenvolver com o design gráfico, quanto, ainda, de ampliar e aprofundar seus conhecimentos em áreas de especialização de seus interesse e vocações pessoais, proporcionando-lhes melhor adaptação profissional. Parece, então, haver tal valorização também do contexto de trabalho a nortear e estimular o desenvolvimento de projetos em sala de aula.

Além disso, o método de projeto em design exercitado com alunos pressuporia abordagem, em geral, mais indutiva, mais espontânea e menos comprometida com uma disciplina de projeto, que, com maior frequência, parte do geral para o particular, como tende a ser ensinada em cursos superiores de design. Essa percebida ausência de exposição mais sistemática à metodologia de projeto no âmbito dos cursos técnicos talvez se explique pela relativa escassez de professores especificamente formados em design atuando na área.

De modo geral, os conceitos expostos aos alunos apresentariam caráter introdutório, percebendo-se maior predisposição de parte significativa dos discentes para aprendizado de conteúdos teóricos durante desenvolvimento de projetos. Nesse sentido, a teoria complementaria a formação mais prática. Ainda a esse respeito, professores de cursos técnicos inclinam-se a considerar que a parte prática do ensino superior corresponderia ao ensino técnico. Muitos pressupõem que o mercado de trabalho não valorizaria o diploma dos cursos técnicos, mas o de cursos superiores. Para eles, as escolas técnicas tendem a ser percebidas como meio de os alunos

entrarem em contato com o design gráfico, descobrindo possível afinidade com o campo do design e testando se desejam seguir o curso superior nesse domínio ou em áreas próximas.

Salienta-se, complementarmente, ocorrência de paralelos entre os conteúdos ministrados no ensino técnico e os oferecidos em cursos de graduação de nível superior de design e áreas afins, diferenciando-se, porém, quanto ao grau de aprofundamento, em função, até mesmo, da maturidade do corpo discente e da carga horária mais reduzida da modalidade técnica. Destaca-se, ainda, empenho genuíno de parcela expressiva dos docentes quanto a conscientizar seus alunos para o universo do design, por exemplo, quanto a sua inserção sócio profissional. Por fim, considera-se que o ensino técnico de design gráfico teria potencial de promover efetiva ampliação de horizontes culturais, vocacionais e profissionais do alunado jovem, servindo, em alguns casos, de estímulo à continuidade da formação em âmbito universitário.

4. Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes).

5. Referências

BARBOSA, Rui. **O Desenho e a Arte Industrial**. 1882. Disponível em:

http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/ruibarbosa/FCRB_RuiBarbosa_ODesenho_e_a_ArteIndustrial.pdf. Acesso em: 23 ago. 2018.

CARDOSO, Rafael. A Academia Imperial de Belas Artes e o Ensino Técnico. **19&20**. Rio de Janeiro, v. III, n. 1. jan. 2008. Disponível em:

http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/rc_ebatecnico.htm. Acesso em: 7 out. 2018.

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA, ETEC. **Plano de Curso - Técnico em Comunicação Visual**. Disponível em: https://www.eteccarapicuiiba.com.br/wp-content/uploads/2019/12/Comunica%C3%A7%C3%A3o-Visual-059_CS_2-sem-2019.pdf. Acesso em: 2 ago. 2019.

FERRETTI, Celso João. As Escolas Técnicas se Salvaram. **Difusão de Ideias**, p. 1-5. Disponível em:

http://www.fcc.org.br/conteudos/especiais/difusaoideias/pdf/entrevista_escolas_tecnicas.pdf. Acesso em: 13 jun. 2016.

MEC. Área Profissional: Design. In: **Brasil, MEC. Educação Profissional: Referências Curriculares Nacionais da Educação Profissional de Nível Técnico**. Brasília, 2000. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/design_ref.pdf. Acesso em: 26 set. 2016.

SCACCHETTI, Fabio Alexandre Pereira. **Motivação e Uso de Estratégias de Aprendizagem no Ensino Técnico Profissional**. 2013. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Londrina, 2013. Disponível em:

http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2013/2013_-_SCACCHETTI_Alexandre_Pereira.pdf. Acesso em: 30 jun. 2016.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM COMERCIAL - SENAC SÃO PAULO. **Plano de Curso - Técnico em Comunicação Visual**. Disponível em: <https://www.sp.senac.br/downloads/ComVis>. Acesso em: 2 ago. 2019.